

A Doutrina da Essência na lógica de Hegel

Gabriel Rodrigues da Silva

Mestrando em Filosofia [UNESP]

Bolsista CAPES

gabriel.r.silva@unesp.br

Resumo: A lógica de Hegel é exposta primordialmente em sua obra *Ciência da Lógica* (publicada em 1812 pela primeira vez e republicada em 1832 após a revisão parcial de Hegel em 1831, poucas semanas antes de sua morte). Esta é conhecida entre os estudiosos por Grande Lógica. Também em sua obra *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio* (publicada em três diferentes edições em 1812, 1827 e 1830), conhecida entre os estudiosos por Pequena Lógica, Hegel expõe sua lógica. Na Grande Lógica, Hegel fornece uma exposição mais detalhada, minuciosa e rigorosa sobre a sua lógica e, conseqüentemente, sobre os conceitos que trataremos. Na Pequena Lógica, a abordagem ocorre de modo mais sucinto e assertivo, o que é próprio do caráter enciclopédico almejado por Hegel, que pretendia utilizá-la como uma espécie de manual de ensino para suas aulas. A primeira diferença que se nota entre as exposições da Grande e da Pequena Lógica é justamente a discrepância entre os tamanhos delas. Certamente, essa diferença não é apenas quantitativa mas também qualitativa, pois uma exposição mais ampla ou mais reduzida, ainda que de um mesmo conteúdo, pode alterar qualitativamente e, portanto, influenciar diferentemente a experiência de compreensão do leitor. Ao nosso ver, enquanto a exposição da Grande Lógica ganha por sua miudeza e precisão nos detalhes, a exposição da Pequena Lógica, por sua vez, ganha na clareza e no emprego de uma linguagem mais compreensível. Desse modo, o uso conjunto das duas obras é benéfico e essencial aos pesquisadores e interessados. Como é sabido, a lógica de Hegel divide-se em três momentos principais: ser, essência e conceito. Cada um destes momentos possui sua peculiaridade, sua estrutura interna e seu desenvolvimento próprio. Hegel os aborda em seus livros homônimos, os quais são: *Doutrina do Ser*, *Doutrina da Essência* e *Doutrina do Conceito*. O objetivo desta comunicação é apresentar e debater o que é a *Doutrina da Essência*. Para isso, é claro, será necessário expor de modo geral o significado de cada um desses momentos e como eles se relacionam. Contudo, o enfoque será o papel exercido pela *Doutrina da Essência* na lógica de Hegel.

Palavras-chave: Hegel; Lógica; Metafísica; Ciência da Lógica.

Como é sabido, Hegel expõe sua lógica por meio de dois modelos distintos. Tais modelos são conhecidos entre os estudiosos da *Hegel-Forschung* por “A Grande Lógica” (“*Die große Logik*”) e “A Pequena Lógica” (“*Die kleine Logik*”). “A Grande Lógica”, alcunha da obra *Ciência da Lógica* (*Wissenschaft der Logik*), foi publicada pela primeira vez quando Hegel residia em Nürnberg. Os livros que a compõem, nomeados *A Doutrina do Ser* (*Die Lehre vom Sein*), *A Doutrina da Essência* (*Die Lehre vom Wesen*) e *A Doutrina do Conceito* (*Die Lehre vom Begriff*), foram lançados respectivamente em 1812, 1813 e 1816. Quase vinte anos depois, em 1831, quando residia em Berlin, Hegel revisou o primeiro livro, isto é, *A Doutrina do Ser*, que foi republicado em 1832. Todavia, os livros restantes, isto é, *A Doutrina da Essência* e *A Doutrina do Conceito*, infelizmente não puderam ser revisados devido a morte de Hegel em novembro de 1831. Já “A Pequena Lógica”, alcunha do primeiro volume, nomeado *A Ciência da Lógica* (*Die Wissenschaft der Logik*), da obra

Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio (Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse), foi publicada pela primeira vez em 1817, quando Hegel residia em Heidelberg. Após isso, duas novas reedições surgiram, ambas datam do período em que Hegel residia em Berlin. A segunda edição foi publicada em 1817, dez anos após a edição inaugural, e a terceira e última edição foi publicada em 1830, três anos após a segunda edição.

A primeira diferença que se nota entre as exposições da “Grande Lógica” e da “Pequena Lógica” é justamente a discrepância entre os tamanhos delas. Certamente, essa diferença não é apenas quantitativa mas também qualitativa, pois uma exposição mais ampla ou mais reduzida, ainda que de um mesmo conteúdo, pode alterar qualitativamente e, portanto, influenciar diferentemente a experiência de compreensão dos leitores. Na “Grande Lógica”, a exposição é mais detalhada, minuciosa e rigorosa. Na “Pequena Lógica”, o conteúdo é exposto de modo mais sucinto, condensado e assertivo, o que é próprio do caráter enciclopédico almejado por Hegel, que pretendia utilizá-la como uma espécie de manual de ensino para suas aulas. Ao nosso ver, enquanto a exposição da “Grande Lógica” ganha por sua miudeza e precisão nos detalhes, a exposição da “Pequena Lógica” ganha na clareza e no emprego de uma linguagem mais compreensível. Logo, o uso conjunto das duas obras é benéfico e essencial aos pesquisadores e interessados.

A lógica de Hegel divide-se em uma lógica objetiva e uma lógica subjetiva. Destas, ainda decorrem três momentos principais: ser, essência e conceito. Cada um destes possui sua peculiaridade, sua estrutura interna e seu desenvolvimento próprio. Na “Grande Lógica”, Hegel aborda esses momentos em seus livros homônimos, os quais são: *A Doutrina do Ser*, *A Doutrina da Essência* e *A Doutrina do Conceito*. Na “Pequena Lógica”, esses “livros” são subdivisões internas ao livro *A Ciência da Lógica* que, como vimos, é o primeiro volume da *Enciclopédia*.

O objetivo desta comunicação é apresentar e analisar o que é a *Doutrina da Essência*. Para isso, é claro, será necessário expor de modo geral o significado de cada um desses momentos e como eles se relacionam. Contudo, o enfoque será no papel exercido pela *Doutrina da Essência* na lógica de Hegel.

Aqui, desejamos responder brevemente três questões: (1) o que são e como se relacionam as duas subdivisões da lógica (lógica objetiva e lógica subjetiva), (2) o que são e como se relacionam os três momentos da lógica (ser, essência e conceito) e (3) como se relacionam as duas subdivisões da lógica (lógica objetiva e lógica subjetiva) com os três momentos da lógica (ser, essência e conceito). Para respondê-las, selecionamos algumas seções cruciais da lógica de Hegel. Nossa análise balizou-se pelas seções que abrem e fecham os momentos do ser, da essência e do conceito, pois, enquanto seções que transacionam, elas revelam mais explicitamente os locais ocupados por cada um dos momentos. Assim, almejamos encontrar as exposições que evidenciam os níveis em que cada um destes momentos se encontra.

No prefácio à primeira edição da “Grande Lógica” existe apenas uma única menção à divisão da lógica. Tal menção encontra-se no último parágrafo. Lá, Hegel afirma que a lógica se divide em dois volumes. O primeiro deles, constitui-se pela *Doutrina do Ser*, que acabava de ser publicada, e pela *Doutrina da Essência*, considerada a segunda seção do primeiro volume, ainda não publicada (viria a ser publicada somente no ano seguinte, em 1813) mas já estava presente no horizonte de Hegel. Apesar de Hegel não nomear esse primeiro volume (constituído pela *Doutrina do Ser* e pela *Doutrina da Essência*), sabemos que se trata da lógica objetiva. O segundo volume, por sua vez, afirma Hegel, conterà a lógica subjetiva, nomeada *Doutrina do Conceito*. Todavia, nesse prefácio, não há também nenhum comentário sobre o porquê da divisão da lógica em lógica objetiva e lógica subjetiva.

Também no prefácio à segunda edição da “Grande Lógica”, Hegel não faz qualquer menção à divisão de sua lógica e, conseqüentemente, não há qualquer elucidação sobre o que justifica a divisão da lógica em seus três momentos (ser, essência e conceito). Desse modo, nesse prefácio, não há nenhum comentário sobre o porquê da divisão da lógica em lógica objetiva e lógica subjetiva.

A introdução da *Ciência da Lógica* de Hegel, que é recorte selecionado para esta comunicação, divide-se em duas partes: “Conceito geral da lógica” (“*Allgemeiner Begriff der Logik*”) e “Divisão geral da lógica” (“*Allgemeine Einleitung der Logik*”). A primeira das partes é consideravelmente maior, possuindo trinta e nove parágrafos, enquanto a segunda parte possui apenas dez parágrafos¹¹. Como os próprios títulos já esclarecem, a primeira parte apresenta o conceito da lógica e a segunda parte apresenta a divisão da lógica.

Na primeira parte, Hegel não faz qualquer menção à divisão de sua lógica e, conseqüentemente, não há qualquer elucidação sobre o que justifica a divisão da lógica em seus três momentos (ser, essência e conceito). Desse modo, nessa subseção, não há nenhum comentário sobre o porquê da divisão da lógica em lógica objetiva e lógica subjetiva.

Logo no início da segunda parte, Hegel nos lembra que a divisão da lógica que será indicada nas próximas páginas deve ser considerada apenas como uma indicação prévia, visto que apenas o conteúdo próprio da lógica pode justificar cientificamente e, portanto, verdadeiramente a divisão dessa ciência. Assim, Hegel é capaz de nos indicar a divisão da lógica pois, segundo o próprio, ele já percorreu o caminho dessa ciência e sabe seu percurso e resultado. Todavia, essa indicação não deve ser considerada cientificamente, mas historicamente. Ou seja, é uma divisão prévia que visa elucidar e fornecer uma visão geral aos leitores, e não propriamente uma demonstração do conteúdo e do seu desenvolvimento.

É preciso esclarecer que, para Hegel, a introdução não pode e não pretende fundamentar o seu conteúdo proposto, isto é, o conceito geral da lógica e a divisão geral da lógica, conforme vimos acima. Pois, enquanto uma introdução, ela é capaz apenas de apresentar algumas explicações prévias, que visam somente introduzir os leitores ao conteúdo. Em diversos parágrafos da introdução, Hegel faz a distinção, ainda que um pouco implícita, entre uma espécie de conhecimento histórico, discursivo, argumentativo e um conhecimento cientificamente fundamentado. A introdução encaixa-se no primeiro deles, ou seja, ao longo dela, Hegel tece algumas alegações, elucidações e reflexões que visam auxiliar os leitores no processo de compreensão do conteúdo, mas ainda de modo exterior à própria coisa. Hegel não almeja justificar a verdade do conteúdo que está afirmando a partir destas alegações, elucidações e reflexões.

Na sequência, Hegel afirma que a oposição da consciência (entre um ente que é subjetivamente por si e um ente que é objetivo por si) é superada na ciência lógica. Nas suas palavras: “O ser é sabido como conceito puro em si mesmo e o conceito puro é sabido como o ser verdadeiro.” (HEGEL, 2016, p. 63). Hegel considera que esses (o ser como conceito puro e o conceito puro como ser) são os dois momentos contidos e inseparáveis da lógica. Aqui, Hegel começa a delimitar a divisão da lógica em lógica objetiva e lógica subjetiva. Hegel afirma que, com o desenvolver da ciência lógica, esses momentos (o ser como conceito puro e o conceito puro como ser) se mostram como momentos do conceito inteiro (*ganze*) e, portanto, o que há, na verdade, é o desdobramento do conceito enquanto ser e o desdobramento do conceito enquanto conceito. Ou seja, o desdobramento do conceito que é e o desdobramento do conceito enquanto tal. No primeiro momento, o conceito é em si. No segundo momento, o conceito é para si.

É importante perceber que, apesar de Hegel fazer uso dos termos “lógica objetiva” e “lógica subjetiva”, ele faz uma ressalva ao uso deles, principalmente por conta das palavras “objetiva” e “subjetiva” as quais, segundo ele, são indeterminadas e, portanto, polissêmicas. Tal indeterminidade, que é fruto tanto do uso filosófico, ao longo da história da filosofia, quanto do uso cotidiano dessas palavras, é responsável por produzir vagueza e imprecisão. Assim, entender o termo “lógica objetiva” por “lógica do conceito enquanto ser” e entender o termo “lógica subjetiva” por “lógica

1 A obra não é dividida em parágrafos, mas usamos esse recurso para facilitar o processo de localização dos conteúdos e a comparação dos mesmos entre as diversas edições.

do conceito enquanto conceito” parece ser um modo mais adequado, que nos aproxima do projeto filosófico de Hegel e nos ajuda a compreendê-lo mais facilmente.

Segundo Hegel, a partir da diferenciação dos momentos do conceito enquanto ser e do conceito enquanto conceito, surge a necessidade de uma esfera de mediação, que será responsável por conectá-los e dissolver qualquer lacuna que possa existir, possibilitando que haja relação entre eles. Desse modo, o que era antes dois momentos (ser e conceito) tornar-se-ão três momentos (ser, essência e conceito). O primeiro momento, o conceito enquanto ser, encontra sua exposição na *Doutrina do Ser*. Lá, o conceito é exposto na sua imediatidade, como o próprio ser que foi desdobrado de si mesmo. O terceiro momento, que, antes da necessidade da esfera da mediação, era segundo momento, o conceito enquanto conceito, encontra sua exposição na *Doutrina do Conceito*. Lá, o conceito é exposto em seu retorno a si mesmo, como o próprio conceito que originou o início de todo o processo, iniciado na esfera do ser, com o ser puro e seus desdobramentos seguintes (nada, devir, ser aí etc., perpassando a esfera da essência) e que agora retorna a si e se vê como o produto que gerou o início, o meio e o fim do processo lógico.

Conforme vimos nos parágrafos anteriores, a *Doutrina do Ser* e a *Doutrina da Essência* constituem-se como os volumes que compõem a lógica objetiva. A *Doutrina do Conceito*, por sua vez, constitui a lógica subjetiva. O fato do conceito enquanto ser estar exposto na *Doutrina do Ser* é algo mais claro, assim como o fato do conceito enquanto conceito estar exposto na *Doutrina do Conceito*. Pois o conceito enquanto ser é o conceito que é (objetividade, em si) e o conceito enquanto conceito é o conceito que é retornado e reconhecido (subjetividade, em si e para si). Mas por que a esfera da mediação, exposta na *Doutrina da Essência*, é essência? O que isso significa? Por que ela ainda faz parte da lógica objetiva?

Assim como a *Doutrina do Ser* é o conceito enquanto ser, a *Doutrina do Conceito* é o conceito enquanto conceito, a *Doutrina da Essência*, define Hegel, é o conceito enquanto sistema de determinações da reflexão. Com isso, Hegel quer dizer que o ser, da *Doutrina do Ser*, passa para o ser dentro de si mesmo. Hegel justifica a presença da esfera da essência, exposta na *Doutrina da Essência*, na lógica objetiva afirmando que o caráter do sujeito, relativo à lógica subjetiva, compete somente ao conceito. Segundo Hegel, apesar da essência ser o interior, o ser que adentrou dentro de si, ela ainda não é subjetividade e, além disso, ela ainda está presa ao ser imediato da *Doutrina do Ser* e, portanto, está presa a algo exterior a ela mesma. Assim, apesar de buscar ultrapassar a esfera do ser, por meio de um movimento de interiorização, a *Doutrina da Essência* ainda se encontra relacionada à esfera anterior. Cada um dos seus movimentos de interiorização é um movimento que se refere ao seu momento anterior (ser), portanto, é concomitantemente um movimento de exteriorização. Ou seja, sendo uma esfera de mediação, a *Doutrina da Essência* está no meio e, portanto, relaciona-se com os dois momentos (ser e conceito) que, em uma visão inicial, aparentam ser antagônicos. Mas, a partir de uma análise mais pormenorizada, vê-se que estes momentos são complementares.

Referências Bibliográficas:

HEGEL, G. W. F. *Ciência da Lógica 3: A Doutrina do Conceito*. Tradução de Christian G. Iber e Federico Orsini. Petrópolis-RJ: Vozes, 2018.

_____. *Ciência da Lógica 2: A Doutrina da Essência*. Tradução de Christian G. Iber e Federico Orsini. Petrópolis-RJ: Vozes, 2017.

_____. *Ciência da Lógica 1: A Doutrina do Ser*. Tradução de Christian G. Iber, Federico Orsini e Marloren L. Miranda. Petrópolis-RJ: Vozes, 2016.